



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

BOLETIM

Sessão de 8 de Janeiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo de Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, Padre Anselmo da Conceição e Silva, Francisco da Silva Pereira Martins e José Luís de Pina, Secretário.

O Sr. Presidente comunica que o ilustre professor Doutor Gomes Teixeira, anuía a realizar a sua prometida conferência na primeira quinzena de Janeiro, em dia que oportunamente ficaria assente. Convinha desde já pensar na maneira de receber condignamente a honrosa visita daquele eminente homem de ciência.

Tratando-se dos trabalhos realizados na Biblioteca e dos serviços prestados pelo sócio Ex.^{mo} Coronel António Tibúrcio de Vasconcelos, foi resolvido que fôsse nomeado para a Direcção da mesma.

O Sr. Presidente comunicou a triste notícia do falecimento do nosso consócio Dr. Jerónimo Gonçalves Abreu, pelo que foram transmitidos à família os sentimentos desta colectividade, resolvendo-se consignar na acta um voto de sincero pesar.

O Sr. Francisco Martins propôs para sócio o Sr. Ernesto Ribeiro da Silva.

Sessão de 18 de Janeiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo de Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira,

Francisco da Silva Pereira Martins, e José de Pina, Secretário.

O Sr. Dr. Gonçalo de Meira comunica que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Gomes Teixeira realiza a conferência prometida à Sociedade Martins Sarmento, no próximo dia 21, intitulada *Biografia de quatro mulheres célebres na Filosofia e nas Matemáticas*.

O Sr. Presidente e Directores presentes congratulam-se com a comunicação do Sr. Dr. Gonçalo de Meira, pois iniciar-se há a série de conferências pelo ilustre sábio português e Reitor honorário da Universidade do Porto, que tam gentilmente acedera ao convite que lhe fôra dirigido, proporcionando-nos assim alguns momentos de levantada vida espiritual e de utilíssima lição — que o é, já em si, a sua vida consagrada á ciência, como o seu nome é honra e lustre da nossa pátria.

A Direcção resolveu que se prestassem as homenagens devidas ao grande português.

Foram admitidos sócios os Ex.^{mos} Srs. José dos Reis Teixeira, Luís de Oliveira Bastos, Manoel J. S. Costa Carneiro, Manoel de Freitas Guimarães, Henrique Pires, Gaspar Gonçalves Coelho, Geraldo Guimarães Kondsman, António Gualberto de Abreu Pereira, António Joaquim Gomes Cerqueira, Abílio Martins, António Carvalho Bastos, Francisco Agostinho Cardoso de Lemos, António Joaquim de Azevedo Machado, Luís de Barbosa Mendonça Pinto e S. Miguel, António José Pinheiro Júnior, Domingos Salgado Guimarães, Guilhermino de Carvalho, Luís de Moura Nunes, Tomás Mendes Guimarães, Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio e Francisco José da Silva Guimarães.

Sessão de 7 de Fevereiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, Francisco da Silva Pereira Martins, Padre Anselmo da Conceição e Silva e José de Pina, Secretário.

O Sr. Presidente, comunicando á Direcção o falecimento do erudito escritor Anselmo Braamcamp Freire, disse:

«Mais um morto querido que temos a prantear! A morte de Anselmo Braamcamp Freire não é só a perda, sempre dolorosa à família nacional, dum cidadão eminente que no exercício de altos cargos, como à frente do Município de Lisboa, na Presidência da Assembleia Nacional Constituinte e na do Senado da República, demonstrou excelentes e invulgares, entre nós e no nosso tempo, qualidades de nobreza e bem entendida democracia, inteligência e aprumo, honestidade e atraente simpatia, um grande amor à sua terra e ao nosso povo, honrando assim a tradição do seu nome e prestando à Pátria bons serviços, mas também a dum investigador paciente, muito criterioso, erudito e ilustrado, que nos estudos da História marcou, com produtivas pesquisas e admiráveis publicações, a sua personalidade e o seu trabalho. Conhecer-lo era ficar, sobre a admiração natural que nos desperta a mentalidade culta, perfeitamente encantado com a sua fidalguia muito dada, da melhor água, com a sua conversa espirituosa e sempre esclarecedora, e sobretudo com o seu espontâneo bem querer, as suas maneiras cativantes, o conforto da sua bizarra generosidade.

Recordava, neste momento, com enlutada mágoa a ternura singela mas profundamente evocativa com que Anselmo Braamcamp lhe falava da antiga Guimarães, mostrando-se perfeitamente conhecedor da sua história, que é como uma alvorada de sonho, ao tropel dos guerreiros, no amanhecer da vida de Portugal. E nunca poderá tirar do seu coração a lembrança agradecida à imerecida atenção que lhe prestava, aos seus incitamentos, apenas fruto da sua bondade, nas suas primeiras horas da vida parlamentar, aos carinhos de visionário, amigo da sua Pátria, com que o afoitava a prosseguir...

Os *Livros dos brasões da sala de Cintra*, a sua colaboração dispersa nas colunas do *Jornal do Comércio e das Colónias* e, alguma, reunida mais tarde no volume *Crítica e História*, as monografias *O Conde de Vila Franca e a Inquisição*, *As sepulturas do Espinheiro*, e outras, os seus estudos tam amorosamente e pa-

cientemente dedicados à época brilhante e sem par de D. João II, a publicação do importantíssimo *Arquivo Histórico Português*, com as suas interessantes dissertações, a identificação de autoria (Fernão Lopes) da *Chronica de D. João I* e da *Chronica do Condestabre*, a sua obra de académico, revelam um espírito superior num bom português, uma grande inteligência, um magnânimo coração de patriota. Honrando a sua memória, estamos-nos honrando a nós próprios.»

A Direcção resolveu exarar na acta um voto de sentimento, comunicando-o à ilustre família do morto.

Procedendo-se à escolha do júri para estudar e classificar as memórias apresentadas pelos professores primários, conforme o concurso aberto por esta Sociedade, foram indicados para o constituir os Srs.: Reitor do Liceu Central Martins Sarmento, Director da Escola Industrial «Francisco de Holanda», Director da Escola Primária Superior, Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal e Presidente da Sociedade Martins Sarmento, e que se lhe comunicasse para reunir em sessão no edifício da Sociedade para dar princípio imediato aos seus trabalhos.

Resolveu-se pedir ao nosso digno e dedicado consócio Sr. João Lopes de Faria, para proceder ao exame e ordenação dos manuscritos existentes na Sociedade e que lhe foram legados pelos nossos saudosos consócios Dr. Martins Sarmento, Albano Belino e Abade de Tagilde, e dêles escolher os inéditos para serem publicados na *Revista de Guimarães*, a qual destinará um certo número de páginas à inserção desses valiosos documentos.

Resolveu-se também imprimir todo o brilho à sua festa anual de 9 de Março.

Foram admitidos sócios os Srs.: Francisco Ribeiro de Castro, Manuel Alves de Oliveira, Paulino de Magalhães, Manuel Ribeiro da Cunha, Álvaro Machado, Gaspar Ribeiro da Silva Castro, Joaquim Gomes de Oliveira, João Alves Pimenta, Manuel de Freitas Aguiar, Quintino Teixeira de Abreu, Dr. Artur da Mota Alves, António de Freitas Ribeiro, João Barreira, António de Almeida Cabral, Alferes Raúl Faria Vilaça, Manuel Ribeiro Guimarães, José Pinto Pereira de Oliveira, Tenente João Teixeira Malheiro, José António

Mendes Ribeiro, Vergílio Machado Leite, Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu, António Xavier da Silva, Cândido José de Carvalho, José Pinheiro Alves, António de Assunção Pires, Almério Ferra, Domingos Braga, Torcato Mendes Simões, Camilo Laranjeiro dos Reis e Constantino Teixeira Santoalha.

Sessão de 5 de Março

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonzalo Meira, Dr. David da Silva Oliveira, Francisco da Silva Pereira Martins e José de Pina, Secretário.

O Sr. Dr. Eduardo d'Almeida disse que tinha o maior contentamento em comunicar à Direcção que o illustre e distinto publicista, Ex.^{mo} Sr. Dr. Henrique Trindade Coelho, realizaria no próximo dia 9 de Março a sua prometida conferência, intitulada — *Os Simples*, de Junheiro. A Direcção rejubilou com a notícia dada por S. Ex.^a, pois constituiria um complemento brilhante, de arte e poesia, da sua festa, dado o interesse em ouvir o primoroso e fecundo literato.

Em seguida o Sr. Presidente apresenta as conclusões do júri nomeado para classificar as memórias apresentadas pelos professores primários, que constam da seguinte acta:

Acta da sessão do júri nomeado pela Sociedade Martins Sarmento para conferir o prémio ao melhor trabalho apresentado pelos Srs. Professores do concelho de Guimarães ao concurso proposto em sessão de 16 de Julho de 1921, da mesma Sociedade.

No dia quatro de Março de mil novecentos e vinte e dois, pelas dezasseis horas, no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento, estando reunidos os Ex.^{mos} Srs.: Presidente da dita Sociedade, Dr. Eduardo de Almeida; Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães, Dr. Francisco Moreira Sampaio; Reitor do Liceu Central de Martins Sarmento, Dr. David da Silva Oliveira; Director da Escola Primária Superior de Guimarães, Dr. Florêncio Lobo e Abel de Vasconcelos Cardoso, Director da Esco-

la Industrial «Francisco de Holanda»; o Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo Almeida, tomando a presidência, declarou aberta a sessão. Seguidamente, pelo mesmo Sr. foi dito que, apresentando ali os trabalhos com os quais os Srs. Professores de Instrução Primária dêste concelho, Joaquim de Almeida Guimarães, D. Luísa Guedes da Fonseca Miranda, Aurélio da Silva Mendes e Joaquim da Silva Godinho, concorreram (únicos concorrentes) ao prémio que a Sociedade Martins Sarmento, impulsionada por patrióticos instintos, entendeu conferir ao melhor desses trabalhos, assim julgado pela Ex.^{ma} Comissão presente, tinha a honra de dar a palavra aos dignos membros da dita Comissão, para se pronunciarem no sentido indicado, visto estar certo de que aquelas dissertações por todos haviam sido cuidadosamente lidas, confrontadas e estudadas nos seus mínimos detalhes, para que o prémio recaísse, com justiça absoluta, naquella que em verdade o merecesse.

Assim dada successivamente a palavra a cada um dos membros da Comissão ali reunida, concluiu-se, do conjunto das opiniões expostas e discutidas, que a dissertação da professora Ex.^{ma} Sr.^a D. Luísa Guedes Fonseca de Miranda e a do professor Ex.^{mo} Sr. Joaquim de Almeida Guimarães se equilibravam bem, respondendo ambas integralmente ao apêlo da Sociedade Martins Sarmento.

Nessa conformidade portanto, entendendo a Comissão presente que os dois trabalhos em questão mereciam igual recompensa, mas entendendo também que não devia dividir-se o prémio pecuniário, resolveu conferi-lo inteiramente à professora Ex.^{ma} Sr.^a D. Luísa Guedes Fonseca de Miranda, premiando igualmente o trabalho do professor Ex.^{mo} Sr. Joaquim de Almeida Guimarães com o encorajamento, que sollicitaria da Sociedade Martins Sarmento, de qualquer melhoramento para a escola do mesmo professor, por êle indicado como útil ou necessário.

Resolveu ainda sollicitar da illustre Direcção da referida Sociedade a publicação dos dois trabalhos aludidos, em igualdades de condições, na «Revista de Guimarães».

Resolveu mais o júri conferir uma menção honrosa ao professor Ex.^{mo} Sr. Aurélio da Silva Mendes, pela boa vontade e amor ao ensino, manifestados nas suas «Memórias».

Não havendo mais nada a tratar, o Ex.^{mo} Sr. Presidente Dr. Eduardo de Almeida agradeceu em nome da Direcção da Sociedade Martins Sarmento a todos os membros do júri ali reunidos, a sua valiosa cooperação em tão melindroso assunto e levantou a sessão da qual, em seguida, se lavrou a presente acta, que vai ser assinada por êle Presidente e por todos os membros presentes. E eu Abel de Vasconcelos Cardoso, servindo de secretário, o subscrevi.

O Presidente da Sociedade

Martins Sarmento, *Eduardo d'Almeida;*

O Presidente da Câmara, *Francisco Moreira Sampaio;*

Reitor do Liceu, *David da Silva Oliveira;*

Director da Escola Primária Superior, *Florêncio Lobo;*

Director da Escola I. «Francisco

de Holanda», *Abel de Vasconcelos Cardoso.*

A Direcção resolveu, por unanimidade, confirmar tôdas as resoluções apresentadas pelo Ex.^{mo} Júri e dar o devido cumprimento.

Foi resolvido também lançar na acta um voto de profundo sentimento pelo falecimento do nosso consócio Sr. Tenente Augusto César Salgado, a que todos os Srs. Directores se associaram.

Sessão solene de 9 de Março

Pelas 12 horas do dia 9 de Março, com selecta e distinta assistência, representantes das colectividades civis e militares, todo o professorado do concelho de Guimarães com os alunos destinados a receberem prémios, pecuniários e de livros, foi aberta a sessão solene pelo representante da Câmara Municipal, o Ex.^{mo} Sr. A. L. de Carvalho, achando-se presentes todos os membros da Direcção.

O Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Dr. Eduardo d'Almeida, leu em seguida a seguinte allocução:

Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal
de Guimarães:

Este dia de festa, velho de quarenta anos e ao avizinhar da primavera sempre remoçado na saúde dos vimaranenses e na alegria borboleteadora das crianças, contém o simbolismo perfeito duma das mais nobres inspirações da nossa terra. Passa como um peregrino de ideal que, vindo das lendárias brumas do passado, erguesse ao sol um avê de energia e bondade, para prosseguir na rota ilimitada, carinhoso Lear apertando ao seio as filhinhas maltrapidas e ignorantes, à margem do vasto oceano do futuro incerto, visionando-o, como nos flocos das ondas o adejar irisado das côres, mais belo, mais generoso, mais achegado aos sentimentos humanos.

Consagração a um sábio, perdura a sua obra na pesada herança de a estimular como guia de novas pesquisas; homenagem a um carácter, eminentemente educativo e social, rememora os serviços que à educação popular, merecedora de justiça gratíssima, dedicou a formosa pléiade dos nossos mais brilhantes espíritos; festa de rapazinhos da escola, traz-nos ao sentimento, como ângelus de saudade no crepúsculo triste, a hora da infância, no que ela tem de mais risonho — a esperança, comungando-a à ho-

ra do presente, no que há em nós acima ao egoísmo e feia luta — o nosso amor ao lar natal, o nosso amor à pátria, o nosso amor aos filhos.

Estalam as fracas lájeas de emusgados sepulcros; acendem-se em brandões, chama torcida na catedral imensa e silenciosa da morte, as lágrimas dos que choraram e as memórias dos que recordam; volutam em flores os sorrisos inocentes dos estudantinhos, e das frias regiões da noite insondável ou de dentro do nosso próprio coração, descerra-se o luto — e essas almas, imortalizadas pela caridade e pelo saber, lentamente avançam e revivem nestas salas que iluminaram com o seu pensamento, acordando o eco do seu patriótico fervor, e connosco abraçam as criancinhas das escolas, outras almas mais novas, onde a inteligência vai abrindo, rociada, alegre e tímida como uma flor.

Pálida mas sentida recordação da festa que, em 9 de Março de 1882, se realizou nos Paços do Concelho, marcando o dia de aleluia — dor pelos que se foram, esperança nos que hão-de vir — da Sociedade Martins Sarmento, subjugantemente se impõe como o feito mais alto e rasgado de toda a nossa vida municipal no século passado. Quando, volvida uma década, alcançar o seu cinquentenário, relembre o cidadão vimaranense as suas brilhantíssimas efemérides e nelas verá aquela acção tenaz e direita, nem um só momento flectida pelos mil erros da sorte fagueira ou adversa, que foi o princípio e o desígnio d'este nobre instituto — ser o impulsor da vida intelectual de Guimarães, o incentivo das suas energias no trabalho, o arquivo das suas tradições gloriosas, o verbo desinteressado do seu patriotismo, e, principalmente, a melhor fonte do derramamento da instrução popular no concelho — cristalina água que baptisma os espíritos, gota de água da Samaritana que desaltera os tristes.

Biblioteca das melhores da provincia, museu arqueológico de inestimável valor — hoje e sempre lição fecunda a estudiosos nacionais e estrangeiros —, instituto escolar — quando, em Guimarães, extinta a cadeira de latim em 1869, encerrada a de francês, em que também se leccionavam noções de aritmética e geometria elemental, e suspenso o Colégio das Hortas, não se davam os mais singelos rudimentos de instrução secundária ou profissional, cursos nocturnos de desenho, escola militar infantil para exercícios ginásticos, assistência aos deserdados, missões pelo método João de Deus às freguesias desprovidas de institutos primários, aulas de música e labores femininos, officina de aprendizagem tipográfica, conferências de propaganda instrutiva ou tocadas de fúlgida espiritualidade, tentativas de renovo útil e científico de cansados processos agrícolas, a exposição concelhia de 1884, a escola industrial Francisco de Holanda, o restauro da Colégiada e abertura do liceu, sua consequência immediata e sempre o seu fundamento, amor inalterado às criancinhas, desvelo por todos os actos que prendem com a dignidade do passado ou com o progresso, são momentos árduos de bom combate que aqui se viveram, pedra a pedra dum templo de estudo e de paz que se ia construindo, pulsações da melhor inteligência, que é a do coração, crepitando e subindo.

Não nos absolve da inércia o labor produzido: incita e obri-

ga-nos a caminhar, e a estrada, que se abre diante de nós, é imensamente mais comprida e fadigosa do que a já trilhada. Eu sinto bem, Sr. Presidente, que pesada herança nos verga os ombros de anáhuos, e quantas vezes me angustiam, clamando imperativas, as mil actividades que careceríamos de desenvolver. De há anos a esta parte, vinte ou trinta, a vida social não evoluiu entre nós: anquilosou-se. As dezenas de escolas e de fábricas desenharam os abecedistas, influíram vocações, aperfeiçoaram técnicas, produziram riqueza; não houve um movimento correspondente de solidariedade, e vejo, como por um prisma aversado e sujo de ocre, a cristalização das ideias e os amorfãos do sentimento, retraído e desconfiado. Raream as figuras e a cada som do bronze, plangendo os mortos, adensa-se o lato sobre a cidade; gelou o entusiasmo cívico, dissolveu-se o estímulo espiritual, empequenezaram os dissídios de opinião, sempre úteis, e aquele rude e sincero coração da nossa gente, um pouco volúvel com a orografia dos outeiros, mas lavado como o céu da manhã, alegre como um ninho e dolente como a madre-silva, não sei que tem, anda brometado de comodismo, como alheio e esquecido, ermo e fugidio de si próprio, sumiço — ele que gotejava luz, a doce luz consoladora da estrêla do norte dos pastores. E' uma síncope, e, à nossa volta como muralhas da China, apenas teias de aranha — para que iludir-nos?

Contrapor à disseminação de verbalismos fascinadores e mentirosos o dever moral hoje infelizmente tam empobrecido ou mascarado em todas as classes, e o guia seguro do conhecimento; varrer como infesta microbiagem essas ruas da vadiça precoce, envenenada na ladroaria do mau cinema, que abriu corréncia ao jôgo e à taverna; atear o misticismo artístico para o equilibrio do talento, vã poeira, com o affecto, alavanca dos mundos; resurgir dos pergaminhos a lição psicológica da vida de antanho; auxiliar a Câmara e o Estado na hygiene da escola e na hygiene do ensino; defender da impiedade tacaña ou da epilepsia destruidora os monumentos do passado; recommençar a educação feminina, completamente suspensa, cega, muda e paralítica, no sentido da domesticidade e da beleza, as duas faces da alma da mulher; erguer o espirito de municipalismo à sua verdadeira e benfazeja missão; desenterrar as ignorades citâneas que nos cercam com os seus tesouros de ensinamento, mostrando-nos dignos continuadores da empresa aberta com tantos sacrificios e vigilantes canseiras... — quanto não há para fazer ainda?...

A *Sociedade Martins Sarmiento*, bom é recordá-lo, tem singrado quasi apenas pela iniciativa particular, pela admirável coesão do seu organismo, por um verdadeiro milagre de estima e amizade públicas. E hoje ainda, não obstante estreitada por uma inconsolada míngua de recursos, são tam firmes as dedicações de amigos fervorosos, tam penetrante a atmosfera de carinho a envolvê-la e confortá-la, que os mais absurdos impossiveis se convertem por vezes, agora ou mais logo, docemente insistindo, em inesperadas e evidentissimas realidades.

Ex.^{mo} Presidente da Câmara :

Bendigo o ensejo, que se me proporciona, de manifestar publicamente a V. Ex.^a o reconhecimento da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, não só por se dignar presidir a esta solenidade, mas, com intimo prazer o digo, pela dedicação leal, a intemerata vontade com que nos auxiliou nas horas mais inquietas ou difíceis, e que não foram poucas, do nosso mandato. Encontramos em V. Ex.^a um bom amigo desta casa e não nos esquecerá a atenção, a delicadeza, a solicitude com que ia seguindo os nossos trabalhos e coadjuvando-os com o seu valioso préstimo.

Justo é que consigne também aqui merecida gratidão aos senhores Professores primários que se dignaram corresponder ao nosso apêlo. A Comissão nomeada para emitir o seu parecer sobre as memórias recebidas, resolveu, de acôrdo com a gerência da Sociedade, que fôsem publicadas na *Revista de Guimarães* as da illustre professora D. Luísa Guedes de Miranda e do devotado professor Joaquim de Almeida Guimarães.

Estas duas memórias são dignas de todo o encarecimento e não há que desaparelhá-las no mais comovido e veemente aplauso. A Comissão assim o entendeu, decidindo, para não parcelar um prêmio já pequeno, apenas uma affectuosa e sentida lembrança, deferir dois em perfeita identidade: à Sr.^a D. Luísa Guedes da Fonseca Miranda o de Esc. 200700, que a Direcção da Sociedade annunciara, e ao Sr. Professor Almeida Guimarães oferece a Direcção, tendo em vista o grande amor que manifesta à sua escola, o realizar dentro dela o melhoramento que ao mesmo distinto professor se afigure como mais oportuno e seja ao mesmo tempo mais do seu agrado. A mesma Comissão attribuiu ainda ao muito zeloso professor Sr. Aurélio da Silva Mendes uma menção honrosa pelo seu interessante e bem intencionado trabalho.

Tivemos a honra cativante de inaugurar a série de conferências, que nos propomos realizar, com o sábio eminentíssimo, o illustre Reitor Honorário da Universidade do Porto, Ex.^{mo} Doutor Francisco Gomes Teixeira, que nos deu, num belo estudo de psicologia feminina, uma nobre lição de moral. Um dos mais formosos espiritos da mocidade portuguesa, que rapidamente, pelo poder suggestivo da sua sensibilidade, pela sua cultura notável, pelo seu talento purificado de sentimento e pelo seu carácter direito e bom, conquistou na Imprensa e na sociedade intellectual um lugar de proeminente brilho, o Ex.^{mo} Dr. Henrique Trindade Coelho vai, daqui a algumas horas, passear-nos em êxtase pelo jardim da Poesia e da Arte.

Precisa ainda esta Direcção de lembrar com desvanecido reconhecimento o conselho seguro que sempre encontrou no velho e carinhoso amigo desta casa, o Ex.^{mo} Dr. Joaquim José de Meira, e a cooperação tocante pelo desinteresse e da mais fecunda valia, que lhe tem prestado os Srs. Coronel Tibúrcio de Vasconcelos, no intelligente e erudito arranjo da biblioteca, João Lopes de Faria, ordenando o Arquivo da Colegiada e prosseguindo nas suas investigações e pesquisas, e Padre Domingos José da Costa Araújo, incansável e utilíssimo à *Revista de Guimarães*.

Das escolas da cidade e das rústicas choupanhas, veio até nós a formosa colmeia. A festa é das crianças e afinal as crianças enchem toda a festa. São brasas de corações que começam a arder ao sol da natureza. Nós achegamo-las todas à nossa alma e, beijando nos seus olhos serenos e lindos os sonhos floridos, estamos rezando pelos nossos pais, sentindo o doce, o piedoso, o encantador afago das nossas velhinhas — bálsamo que derrama em nossa amurada saudade o fresco enleio de nossos filhos. E o espírito ajoelha, atribulado mas ungido de esperança, entre a sepultura dos que morreram e o berço dos que ensaiam o primeiro cântico, agonia de crepúsculo num incêndio de aurora.

Terminada a leitura da alocução, que foi coberta com uma longa salva de palmas, o Sr. Presidente da Câmara leu, em resposta, também a seguinte:

Ex.^{ma} Senhor Presidente da S. M. S.:
Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

Pela terceira vez tenho a honra de vir a este lugar representar o Município de Guimarães. Pela terceira vez em afirmo aqui, do modo mais solene, a minha funda simpatia por esta nobre instituição. E nunca estive tão perfeitamente identificado com o sentir da minha terra e da sua gente, como nesta hora e neste lugar. Nunca um mandato oficial foi mais lealmente interpretado e mais gostosamente sentido. Representante do município vimaranense, eu sou, Sr. Presidente, portador dum sentimento para vós e para os vossos ilustres colaboradores na gerência desta casa. Para vo-lo transmitir fielmente, como é meu desejo, junto o meu ao coração do povo da nossa terra e, no seu ritmo, encontro em espírito e em verdade a expressão exacta desse sentimento.

Sr. Presidente e Srs. Directores da S. M. S.: Muito obrigado! Muito obrigado, sim, porque tudo quanto por vós foi feito em prol desta instituição, em benefício do bem municipal se desdobra. Muito obrigado, sim, porque muito bem o sei, e dever é constatar-lo: — a vossa tarefa administrativa foi inteligente, foi honrada e foi canserosa. Nenhum anseio de vontade, nenhuma afirmação de esforço aqui revelados, se quedaram nos limites desta casa. Tudo quanto aqui dentro se há feito em nome da instrução e da educação populares, outra coisa não representa que não exprima — orgulho da nossa terra! timbre do nosso povo! glória do nome vimaranense! E' que, Sr. Presidente, faz bem repetir, seguindo o pensamento altiloquente de V. Ex.^a: que foi aqui, no âmbito sagrado desta casa, que o melhor frémito do nosso ressurgimento local brotou; que o mais inteligente fulcro do nosso querer bairrista se gerou; que, numa palavra, a elite saudosa de corações patricios aprendeu a servir a causa do bem público — e com que fulgor de entusiasmo! e com que brilho de mocidade!... Não admira, pois, Sr. Presidente, que para aqui, para este ninho de tam esplêndidas tradições bairristas, batam

asas as nossas mais queridas simpatias — como não admira que aqui tenhamos de vir temperar as nossas armas para o combate tam urgente e tam necessário contra o triste abastardamento do velho amor à terra...

Sr. Presidente: V. Ex.^a focou perfeitamente o nosso estado de alma colectivo. A antiga alma do povo nosso irmão, (rubra flor da galhardia vimaranense) ou porque perdesse o trilho da sua continuidade histórica, ou porque a ande verminando a ferrugem dum cego utilitarismo, certo é que não vibra, não age, não se move! E contudo, assim como o homem não tem o direito egoísta de isolar-se, também o cidadão vimaranense não pode escusar-se à obra comum da sua terra. Pois não é no amor à nossa terra que se caldeiam as mais austeras virtudes cívicas? Pois não é no amor à nossa terra que firma a própria ideia da Pátria? E se assim é, porque não hei-de eu, representante do município, juntar a minha, à voz de V. Ex.^a, para preconizar o regresso ao culto dessa religião que se chama — o apêgo da grei ao seu rincão natal?!

Sr. Presidente: Herculano, esse que foi pela Sciência, a mais erudita e a mais funda, irmão espiritual de Martins Sarmiento, profetizou que a regeneração do país estava no regresso à tradição municipal. Quer dizer: a alta visão do insigne historiador pôs as suas esperanças de regeneração nacional na acção descentralizadora dos municípios. Cada concelho, cada provincia, cada região, cuidando do seu problema local, engastando-se em comunhão estreita com o problema estrutural do Estado. Chama-se hoje a isto fazer — regionalismo. Seja. O que é certo é que esta aspiração é latente, vive e medra no seio das povoações, cansadas e fartas de serem vítimas passivas neste constante pele-mele da política dos políticos, que nem sequer tem o dramatizado pitoresco dos nossos pingueteados varrerres-de-feira.

Sendo, pois, Guimarães uma particula geográfica da nação, mister se torna estreitar bem contra o peito o coração ansioso da nossa terra, na certeza cívica de que nêle vive e palpita o coração dolorido da nossa pátria. Quedamo-nos, eu sei, aturdidos pela rajada devastadora da guerra. Mas, Senhoras e Senhores! esfreguemos os olhos e reparemos para o germinado labor que se denota por tanta terrinha portuguesa — afirmando progresso, ânsia de viver, esforço construtivo. Reparemos... que digo eu! Acaso não temos, dentro da nossa própria casa, o exemplo que redime e salva? Pois não foi o espírito cristão da nossa gente que ergueu essas nobilíssimas instituições de caridade, que são um tam legítimo brasão de orgulho da nossa terra? Pois não será uma ingénita afirmação de sentimento artístico o modo como, através de tanta profanação e desleixo oficiais, temos poupado o nosso património histórico? Pois não constitui um real testemunho de faculdades activas e progressivas, esse marulhar fabril e oficial que nos outorga o título da mais activa colmeia industrial do Minho? Pois, Senhoras e Senhores, esta mesma instituição, pela história do seu passado e pelos effluvíos magníficos de vida presente, não nos está dando, a todos nós, aquela confiança e aquela fé necessárias para o leva-arriba do nosso ressurgimento local? Certamente! certamente!...

Sr. Presidente: Esta festa, tão antiga como a própria instituição que a celebra, é, como V. Ex.^a muito bem disse, em frase elegante, «remoçada na saudade dos vimaranenses e na alegria borboleteadora das crianças». Cediça será apenas a minha palavra, tanto mais que os poderes da representação me obrigam — a empastelar o colorido duma festa de crianças com o borrão da minha prosa escrita. Mas, porque esta festa sintetiza interesse pela causa do ensino popular e simultaneamente interesse pelo progresso moral e social da nossa terra, a minha presença aqui tem, pois, um alto significado: de que a fina flor da gratidão do nosso povo ainda não emurhecera, pois sabe vir aqui, pelo seu delegado humilimo, dizer do seu reconhecimento e saudar os espíritos gentis daqueles poucos que ainda se preocupam com o velho e sempre novo tema da educação popular.

Se, como disse o enciclopedista francês, «depois do pão, é a educação a primeira necessidade do homem», cumpre que a obra da instrução se transforme em alimento e elemento de educação, pois que instruir, só por instruir — não basta. E não basta, porque instruir mal é transformar um benefício em malefício. E não basta, porque instruir mal será como que dar facilidade às rãs do charco, os maus de coração, de se alçandorem no vôo das águas, não para beijar a face às estrelas, mas para caírem de mais alto, turvando e agitando mais ainda o charco de onde saíram. Bem instruir será, em suma, entrar na posse duma probabilidade mais para vencer, como mal instruir será entrar na posse duma probabilidade mais para corromper.

Sr. Presidente: Ao monstro do analfabetismo nacional chegámos, em aturadas campanhas de proselitismo, a atribuir todas as humilhações e todos os flagelos. Combatendo a própria Monarquia, nós a acusamos de nutrir as suas raízes oito vezes seculares na seiva apodrecida dos 80 %. Fizemos d'este modo a República na honrada e, direi mesmo, na patriótica disposição de aniquilar o monstro. Nêsse pio propósito o Provisório legislou; as Constituintes legislaram e o Parlamento está legislando ainda hoje: mas o monstro, inchado e forte, não sucumbiu — e não sucumbirá, jamais, a golpes de decretos!

O iletrismo nacional, qual cidadela inexpugnável, continua a esmagar-nos de vergonha. E' certo que não falta quem peça a redução do analfabetismo; mas pedir a redução do analfabetismo pela compressão das despesas do ensino, coisa é que não faz sentido. Certamente os congressos económicos realizados no Porto e em Coimbra, ao rufarem o sensato *ran-tan-plan* da compressão das despesas públicas, não quiseram significar, falando da crise do ensino popular, que a compressão incidisse sobre as despesas do ensino, mormente do pobre e abandonado ensino da escola primária! mormente do pobre e abandonado ensino das escolas industriais! Cortar no supérfluo das despesas públicas, para valer ao supérfluo da miséria do ensino, esse será certamente o pensamento de toda a nação, inclusive dos municípios, que são parte integrante da mesma — embora tantas vezes se esqueçam disso... E' que assim, tal como está, o ensino popular — sem edifícios próprios, sem material didático, sem ambiente pedagó-

gico, sem assistência à infância, sem colaboração post-escolar, — é relojoaria avariada.

Depois, sendo a pedra angular de todo o ensino a difusão das escolas infantis, ¿como se compreende que, se exceptuarmos a iniciativa da Câmara do Porto e a obra da Assistência das Escolas João de Deus, este ensino apenas se encontre... no papel? ¿Como há-de o ensino corresponder ao seu duplo fim instrutivo e educativo, se a criança não passa pelo cadinho maternal da escola infantil, onde a argila delicada dos seus sentidos e das suas emoções se plasticizam? Partindo portanto o ensino popular desta gafe original, ¿que admira ver-se desprezado o ensino dos trabalhos manuais na escola primária geral, a despeito de êle ser um valioso factor educativo das faculdades emotivas e activas das crianças? ¿Que admira, depois disto, que o Estado nos dê escolas primárias superiores, enfaticamente destinadas «a completar a educação geral do individuo», embora falhem «no seu principal objectivo de um ensino técnico de carácter regional»? ¿Que admira, depois destas manueiras na dinâmica do ensino, que as Escolas Industriais, como há 36 anos a nossa, deixem de ministrar o ensino técnico e profissional, deixem de ser oficina e laboratório de bons operários e de bons mestres, para ser, pouco mais que meros conservatórios de teoria?...

Sr. Presidente: No dia em que os municípios se compenstrem que são dentro duma democracia nascente os mais solidos baluartes do direito popular e se resolvam a coordenar a sua força e o seu direito promovendo a federação dos 268 municípios espalhados por toda a terra portuguesa; no dia em que os velhos organismos administrativos façam «reflorir o espirito municipalista», como V. Ex.^a tam sonhadoramente o preconizou nas Constituintes, em 1912, aí, então, Sr. Presidente, eu creio que nêsse dia a rota da República traçará ao ensino popular a sua verdadeira trajectória, demudando em nós o aspecto duma geração que falhou, duma geração que foi vencida.

Sr. Presidente: E' tempo de terminar. A este século que fêz a legião dos órfãos da Grande Guerra e essa outra legião dos pequeninos famintos da grande Rússia, alguém chamara — o século da Criança. Pobres crianças d'este século! Um ciclone de extermínio quer levar da terra o amor dos pequeninos e o coração imenso da terra vasa em lágrimas a sua dor. Pobres crianças d'este século! ¿Que vale uma legislação de defesa à infância, uma literatura de carinho pela infância, uma religião de amor pela infância, se a legislação é letra morta que se não cumpre, se a literatura é lirismo que mal se traduz, se a religião é uma profissão de fé que raros praticam? ¿Que vale todo um vasto calendário de ligas proteccionistas, se mais vasta ainda é a tragédia da sua sorte? Pobres crianças d'este século! Sois, sim, um problema de acção fecunda e de bondade infinita; mas ¿onde está a humana vontade, o humano idealismo que faça o esforço redentor para vos salvar? Pobres crianças d'este século! Inveterado como anda o sentimento do Belo, já não comove as almas o lindo quadro de Jesus chamando a si as criancinhas rôtas e descalças — e é certamente por isso, para poupar à sociedade bem comida e bem vestida o espectáculo incómodo dum bando de pequeninos

tortulhos humanos, curtidos de imundície e escorridos de farrapos, que o professorado primário representava há dias ao Sr. Ministro da Instrução — dizendo-lhe que não podia realizar com tais especímenes de precoces degenerescências e misérias, os passeios escolares do programa!... Pobres crianças d'êste século! Correm pelas ruas do burgo numa alegria descuidada, bandos de garotetes, sem escola, sem pão, sem educação. Dos seus olhos escorrem súplicas e os seus braços estendem-se para nós. Mas onde está o dolorido, o compungido coração humano, que não repara nesses garotetes — que sendo a alvorada inicial da vida, podiam ser, a expressão máxima da beleza e da grandeza da vida?!...

Mas, Sr. Presidente, Senhoras e Senhores: não devo esquecer que a hora é de festa e não fica bem ao protocolo oficial da minha representação que eu ladainhe em jeito e em modo, como diria Mestre Gil, — que Jeremias pareça aqui tamborileiro. Não! Que a vossa alegria desta hora — meus patricios pequeninos! — faça o milagre da nossa ressurreição nacional, vós que sois, no dizer sugestivo da canção popular,

«... a carne, o sangue e os nervos de Portugal!»

que foi muito aplaudida.

Em seguida foram distribuídos os seguintes prémios pecuniários e o livro *Guimarães e Santa Maria*, do Abade de Tagilde, nosso saudoso sócio honorário:

Prémio *Francisco Jácome*, 16\$00, para o aluno das escolas oficiais do concelho de Guimarães, que tenha obtido a melhor classificação no exame de 2.º grau;

Prémio *João de Melo*, 5\$00, para o aluno mais distinto da Escola Industrial «Francisco de Holanda», e que se dedique ao comércio;

Prémio *D. Eulália Melo*, para um aluno mais distinto e pobre das escolas do concelho;

Prémio *D. Maria Antónia Santos*, duas meias libras em ouro, oferecido pelo nosso sócio honorário Ex.^{mo} Sr. Francisco dos Santos Guimarães, destinado a dois alunos mais distintos e melhor comportados da escola primária de Urgeses;

Prémio *Rodrigo Venâncio*, 15\$00 em três prémios, para ser distribuído pelos alunos distintos;

Prémio de 30\$00, oferecido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmento, para ser distribuído pela forma que melhor parecer à Direcção desta Sociedade;

Subsídio *José de Meira*, oferecido pelo nosso illustre sócio honorário Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim José de

Meira, para o aluno que tenha melhor aplicação, da freguesia de Gominhões.

Foram distribuídos mais 125 volumes, da obra acima citada, aos alunos indicados pelos respectivos professores.

Feita a distribuição, foi concedida a palavra aos Ex.^{mos} Srs. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos e Dr. António Maia Aroso, distintos professores do Liceu Central de Martins Sarmento, que se houveram com brilho e rara competência, como bons mestres e educadores que são; ao Ex.^{mo} Sr. Armando Boaventura, inteligente redactor da «Epoca», que fez uma maravilhosa evocação do nosso grandioso passado; e à Ex.^{ma} Sr.^a D. Luísa Guedes de Miranda, professora premiada, que agradeceu o prémio de 200\$00 que lhe era concedido, pondo-o, num simpático gesto de generosidade, à disposição da Sociedade Martins Sarmento, para compra de livros de pedagogia. Falou também o professor Ex.^{mo} Sr. Joaquim de Almeida Guimarães, um dos premiados, que fez uma exortação aos seus colegas para que acolhessem bem todas as iniciativas da Sociedade.

Não havendo quem mais pedisse a palavra, o Sr. Presidente da Direcção agradeceu ao Ex.^{mo} Presidente da Câmara, às Ex.^{mas} Senhoras que honraram esta festa com a sua presença e a todos que se dignaram associar-se a ela com a sua comparência, protestando-lhes o seu muito reconhecimento.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Aguiar Martins Sarmento, nossa illustre sócia honorária, ofereceu a todas as crianças premiadas um primoroso lanche, servido por distintas senhoras.

Sessão de 22 de Março

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, Francisco Martins, Padre Anselmo da Conceição e Silva e José de Pina, Secretário.

Aberta a sessão, pelo Sr. Presidente foi dito que se congratulava com todos os seus prezados colegas

pela notável elevação espiritual e comovedor entusiasmo com que decorrerá a festa 9 de Março, cujo brilho perduraria longo tempo ainda na memória saudosa de quantos a ela assistiram. Sentia-se bem contente dos trabalhos de quasi um ano de gerência com a espontânea vivacidade, com o enternecido anseio, com o affectuoso misticismo, com a galharda concorrência do que em Guimarães há de mais nobre e de mais culto no trabalho e na vida social, que marcou esse dia, que nos aviva sempre o nome querido e immortal de Martins Sarmento, e deu a estas salas de concentrada meditação e de estudo um ar de encanto, como uma romaria de flores espirituais num jardim perfumado de lendas.

Consignar na acta os nossos agradecimentos a todos que para essa solenização contribuíram, não era mais do que fracamente reproduzir, na estreiteza dum dever protocolar, a muita gratidão que sentiam e não mais podiam esquecer — ao Sr. A. L. de Carvalho, como Presidente da Câmara, pela sua comparência e participação; aos Srs. Cónego Albêrto da Silva Vasconcelos e Dr. António Maia Aroso, professores do Liceu Central de Martins Sarmento, e Armando Boaventura, redactor de «A Epoca», pela honra e enlêvo que nos deram e com que tam suggestiva e doutamente nos prenderam com os seus eloquentes, eruditos, magníficos discursos; aos Srs. professores primários D. Luísa Guedes da Fonseca Miranda, pela sua nobilíssima e cativante dádiva, que tanto nos comoveu, e Joaquim de Almeida Guimarães, pelas suas sentidas palavras de incitamento, que calaram fundo em nosso espirito; ao jornalista distintíssimo, a essa bem modelada figura de poeta e lusiada, forte no sonho e na bondade, tam justo na intenção como direito e generoso nos sentimentos, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Henrique Trindade Coelho, que, na sua conferência sobre *Os Simples*, de Junqueiro, nos coloriu um bellissimo poema em prosa, uma das horas de maior êxtase que tenho vivido; a esse galhardo, a esse moço grupo de trovadores que formam o *Orfeão Vimaranesse*, e nos trouxe, nos seus corais, com uma gentileza e uma isenção que confundem, o doce, o eterno encanto da música e que tam appropriadamente caiu no belo quadro dessa noite memorável; ao Ex.^{mo} Co-

ronel Alcino Machado, pela cedência da excelente banda do nosso Regimento; aos Srs. Comandante da Guarda Republicana e Administrador do Concelho, a todos os Srs. professores das escolas primárias, aos académicos e jornalistas e às senhoras de Guimarães, que sabem, quando querem, mostrar que vive ainda a vimaranense cheia de graça, de distinção e de elgância, aliando ao culto do lar o culto da intelligência e da arte.

Todos os Srs. Directores presentes se associaram com palavras de encarecimento a este voto congratulatório e de penhorada gratidão.

Em seguida o Sr. Presidente expôs que a ninguém era permitido ignorar a difficil situação económica em que se vivia nesta casa, onde tantas iniciativas tinham de ser arredadas, tantos empreendimentos eram suspensos e tantíssimas obrigações tradicionais se cerceavam, reduziam ou cumpriam imperfeitamente por falta absoluta de recursos. Ele dissera, e com verdade, em 9 de Março, que a Sociedade Martins Sarmento, dentro da estreiteza por vezes atribulada de rendimentos, era um milagre de dedicações seguras e de amizades crescentes. Quem apenas conhecer externamente a longa obra que já realizou, há-de julgá-la muito rica, quando a sua riqueza é apenas o amor que os vimaranenses lhe dedicam.

Esse mal, que nos doma a acção, é em muito irremediável. Nem o Estado, nos seus delírios de esbanjamento ou de famélicos apertos, nos tem tratado com a atenção que devia merecer-lhe um instituto desta natureza, mesmo e só em relação aos serviços que tem prestado; nem a Câmara Municipal tem podido contribuir, como era do seu indeclinável dever, para a manutenção e progresso do que é, queiram ou não, o mais alto monumento vital do concelho. Tínhamos, pois, de lançar mão, muito contrariadamente, de certas medidas, que aliás, não carecem duma palavra que as justifique, pois as justifica sobejamente a evidência da sua necessidade. Propunha se submetesse à Assembleia Geral a seguinte modificação transitória do n.º 3.º do Art.º 4.º dos Estatutos:

«Até deliberação em contrário da Assembleia Geral da Sociedade Martins Sarmento, fica a Direcção da mesma Sociedade auto-

rizada a só admitir como novos sócios aqueles que, no acto da inscrição, declararem pagar a jóia de Esc. 2\$50, já estabelecida, e a mensalidade mínima de 50 centavos.»

A Direcção aprovou unanimemente esta proposta, resolvendo convocar imediatamente uma Assembleia Geral, para o dia 29 do corrente, pelas 20 horas, e, não comparecendo numero legal de sócios, se marcasse já a segunda convocação para o dia seguinte, 30 de Março, à mesma hora.

O Sr. Presidente propôs ainda que nessa Assembleia Geral se prestasse pública homenagem ao eminente orador Dr. António Cândido, príncipe consagrado da oratória portuguesa, associando-se todos com sentido entusiasmo a esta deliberação.

Por último o Sr. Presidente explicou que, no último número da *Revista de Guimarães*, que vem a ser o de Outubro do ano findo, anunciara a sua resolução de aproveitar os inéditos do saudoso e querido amigo Abade de Tagilde, coligidos como *Apontamentos para a história do Concelho de Guimarães*, e relativos a cada uma das freguesias, de que êle se compõe. A cópia de materiais, pacientemente amontoados, é importantíssima, sendo, porém, o trabalho que tem em vista não só de muita responsabilidade como de difficilima execução, para os ordenar, rever e actualizar, tomando por tipo a excelente monografia *Tagilde*. Procuraria realizá-lo metódicamente, e portanto com uma certa lentidão, tanto mais que o seu tempo é excessivamente preocupado já com diversos misteres. Necessitava de abrir um inquérito por todas as freguesias, ao mesmo passo que delas se fôsse ocupando na sequência do referido trabalho. O inquérito era assim formulado:

Freguesia de.....

Há *nessa* freguesia alguma delegação postal ou caixa de correio? em que lugar? desde quando funciona?

Nomes por que são conhecidos os principais fogos e lugares da freguesia? sua área? relevos orográficos? fontes e principais nascentes?

Em quantas propriedades, quintas e cabanas se acha dividida a freguesia? nomes dos principais proprietários?

Mapa dos trabalhos e occupaões.

Viação. Rios, ribeiros e pontes. Clima e hygiene. Mapa das produções. Irrigação e pecuária. Escolas e ensino.

A cada pároco enviaria oportunamente os esquemas e indicações precisas, desejando que esta Direcção se empenhasse na obtenção destes elementos, solicitando a ajuda das autoridades administrativas e eclesiásticas. Foi aprovada.

**Sessão extraordinária
de 27 de Março**

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, Francisco da Silva Pereira Martins e José Luís de Pina, Secretário.

O Sr. Presidente disse que convocara esta sessão extraordinária para dar conhecimento aos seus prezados colegas da oferta que a Sociedade Martins Sarmento vinha espontaneamente fazer o nosso muito digno sócio honorário, o Ex.^{mo} Sr. Francisco dos Santos Guimarães. Sua Ex.^a, a quem a Sociedade Martins Sarmento deve já valiosos serviços, uma amizade segura e constante, como a oferta de publicações importantes e caras e o prémio anual de duas libras em oiro, por ocasião da festa de 9 de Março, às duas crianças mais distintas da freguesia de Urgeses, etc., quis fazer perdurar essa dádiva e aumentar os seus benefícios à escola da sua aldeia natal, tendo, com generosa iniciativa e comovedora justiça, aproveitado esse desejo para dar a esta Sociedade um público testemunho da sua confiança, duplicando-o com uma galharda protecção. Passava a ler a nota da escritura, que S. Ex.^a tinha elaborado, e que, conformemente aos seus desejos, submetia à análise e aprovação dos illustres membros da Direcção:

Francisco dos Santos Guimarães, viúvo, maior, natural da freguesia de Santo Estêvão de Urgeses e residente nas Caldas de Vizeia, dêste Concelho.

1.^o — A Sociedade «Martins Sarmento», no acto de assinar esta Escritura, recebe de Francisco dos Santos Guimarães a importância de cinco mil escudos (cinco contos de réis) que depositará por meio de Promissórias, renovadas anualmente, em Bancos da

sua confiança, ou empregará em títulos de renda, igualmente de sua escolha e confiança.

2.º — Do rendimento proveniente dessas Promissórias ou títulos de renda, a Sociedade Martins Sarmento obriga-se a fornecer à Escola Primária da freguesia de Santo Estêvão de Urgeses, dêste Concelho, o material escolar e de expediente necessários ao seu funcionamento, como livros, papel, tinta, régua, penas, lápis, etc., até o limite de cento e vinte escudos anuais.

3.º — Obriga-se mais a concorrer anualmente com dois prémios de uma libra esterlina cada um, destinados a alunos de ambos os sexos da mesma escola, escolhidos dentre aqueles que pela sua aplicação e merecimento tenham jus a essa recompensa.

4.º — Quando acontecer que no mercado as libras custem mais de quinze escudos cada uma, os prémios ouro poderão ser substituídos, sendo entregues em lugar dêles dois prémios de quinze escudos em moeda-papel corrente.

5.º — A Sociedade Martins Sarmento é competente para aceitar ou recusar os alunos directamente apresentados pelos professores, quando lhe parecer que da parte dêstes não houve a devida justiça na escolha, podendo em caso de dúvida requerer o concurso do Inspector Escolar, e em última instância recusar os prémios.

6.º — As cláusulas desta Escritura comecem a vigorar somente depois do falecimento de Francisco dos Santos Guimarães, cabendo a êste, enquanto viver, e à sua custa, suprir aquelas obrigações. Neste caso o rendimento das Promissórias ou títulos de renda, até à data do falecimento, pertencem à Sociedade Martins Sarmento.

7.º — Se, porém, o falecimento tiver lugar antes de vencido o primeiro ano após a assinatura da Escritura, a execução desta começará a vigorar depois de terminado êsse prazo, isto é, logo que haja recursos para fazer face aos gastos nela especificados.

8.º — Fica entendido que a responsabilidade da Sociedade Martins Sarmento consiste na guarda das Promissórias ou títulos de renda de que consta a cláusula 1.ª, e na execução das demais cláusulas desta Escritura; mas cessará no momento em que aqueles títulos, por imprevisto motivo de força maior, percam de todo o seu valor mercantil.

Admirável coração, lúcida e compreensiva inteligência — como se harmonizavam bem naquele documento magnífico! Não sabia realmente que louvar, o que o penhorava mais — se o fino, superior critério com que o seu autor se propusera contribuir para a condigna sustentação da escola primária de Urgeses, que lhe fôra berço e onde lhe decorreram as únicas horas desocupadas e breves da sua vida de trabalhador honesto, dando êsse encargo a esta Sociedade, que sempre se tem empenhado, com escrupulosa exactidão e veementíssima tenacidade, no progresso da instrução popular no concelho de Guimarães, de que essa benfazejada freguesia é parte, garantindo o seu desígnio

numa escritura, cuja nota, apenas particular, em forma de apontamento, está redigida com esplêndida intenção e modelar clareza, se os estos belíssimos dêste coração, acendrado no mais puro amor, o amor às crianças da escola, em que sintetiza a sua saudade da terra natal e a sua devoção à pátria, reflectindo-o nesta casa, onde, mais que o incentivo e o prémio de tam árduas canseiras, a justiça, que aos seus intuitos assim se faz, levanta o espírito e perturba em doce gratidão a alma.

Bem haja, bem haja! e oxalá esta fôsse a bendita semente que, espalhada por tôdas as freguesias, pudesse, em futuro próximo, produzir a colheita duma mais firme, mais larga, mais profícua, mais risonha divulgação do pão do espírito aos que tenteiam, desventurados e cegos, os passos tímidos na estrada pedregosa da vida, amparando-se à luz do espírito, a consciência iluminada pelo sentimento, que é o único que as pode sustentar e guiar.

Não era lugar próprio, nem soara ainda a hora de encarecer o préstimo e mais ainda o significado de tam invulgar e bondosíssima oferta, em que revia, voltava a dizer, uma homenagem à Sociedade Martins Sarmento, que muito o ufaneia e intimamente consolava. Não pudera calar aquelas primeiras, sentidas palavras de gratidão, e propunha: *a)* se aprovasse, singelamente, a nota da escritura, talqualmente está redigida, ficando apenas ao encargo do notário, que a tornasse em instrumento jurídico, o cuidado de lhe dar feição e vida, segundo as fórmulas legais; *b)* esta Direcção procurasse o Ex.^{mo} Sr. Francisco dos Santos Guimarães, na povoação de Vizela, onde reside, para lhe manifestar o seu reconhecimento; *c)* se promovesse a immediata convocação duma Assembleia Geral para nos autorizar a assinar a referida escritura, deliberando-se então o que se houvesse por mais conveniente para memorar a penhorante oferta.

Em sessão de 2 de Abril foram admitidos sócios os Srs.: Joaquim Teixeira da Costa, Paulo Ramos de Paiva, Tenente Pedro da Cunha Carmona e Silva, Al-

feres Artur Augusto Rodrigues, Alferes António José da Costa Cunhal, Alferes José Vieira Campos de Carvalho, Alferes António Pereira dos Santos, Tenente Silvestre José Barreira, Tenente-Coronel José Augusto de Faria Blanc, Tenente José Henriques de Faria, Tenente Joaquim Ferreira da Silva, Alferes António Nunes Vitória, Tenente José António de Matos Júnior, Tenente Heitor Godofredo Ribeiro de Almeida, Padre José Maria Leite, Mário de Sousa Menezes, José Joaquim da Costa Soares, João Pereira da Costa, Dinis Santiago, António José Leite de Castro, Rodrigo Lobo de Sousa Menezes, João de Araújo, Casimiro Teixeira, António da Silva, José Gonçalves Machado, João Fernandes, Luís Fernandes Azenha, Eugénio Leite Bastos e Tenente José Marques Vieira de Azevedo.

A Sociedade recebeu desde 1 de Dezembro de 1921 a 31 de Março do corrente ano as seguintes ofertas, pelas quais de novo consignamos o nosso sincero agradecimento aos generosos oferentes.

Para a biblioteca:

Livros

Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 27 volumes;
Ministério das Finanças, 3 volumes;
Artur Pinto Bastos, 1 volume;
Faculdade de Medicina do Porto, 34 teses e dissertações;
Ministério do Trabalho, 2 volumes;
Universidade do Porto, Faculdade de Ciências, 2 volumes;
Dr. Alfredo Pimenta, 2 volumes;
Dr. Alberto Saavedra, 2 volumes e 4 folhetos;
Manuel Joaquim da Cunha, 46 volumes e 50 folhetos;
Revista da Universidade de Coimbra, 2 volumes;
Dr. Eduardo d'Almeida, 2 volumes;
Real Gabinete de Leitura, Rio de Janeiro, 1 volume;
Francisco da Silva Pereira Martins, 4 volumes;
César de Frias, 1 volume;

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1 volume;
Francisco dos Santos Guimarães, 23 volumes;
Biblioteca Nacional, 1 volume;
Dr. Joaquim Roberto de Carvalho, 1 volume;
Dr. António Coelho, 1 volume;
Domingos Marques, 47 «Revistas de Guimarães»;
Companhia dos Banhos de Vizela, 1 folheto.

Para a colecção das revistas e jornais:

- Nós* — Boletín mensual da cultura galega — N.º 9 — Sumário: «O aspecto actual da Literatura portuguesa», Hernani Cidade; «O monopólio do commercio do dinêro», Julio A. Cuevillas; «Novela», Castelão; «Berros do alén», Ramon Vilar Ponte; «A mansion Aguis Querquernis», F. C. Cuevillas; «Os homes, os feitos, as verbas», pol-a Redaución —;
- A Nossa Revista* — Mensário fundado por alunos da Faculdade de Letras do Porto — N.º 8, ano 1.º — Sumários: «Diante da Paisagem de Inês de Castro», Afonso Duarte; «As sacrificadas», Alfredo Brochado; «***», Euxénio Carré; «A Minha Hora», Júlio dos Reis Pereira; «De mim», Afonso Guimarães; «Aux Poètes», Claire Jeancourt Gouveia; «Flor do Outono», Joaquim de Almeara; «A minha dor e a minha ofensa», Baltasar Valente; «Peregrino Eternal», Manuel Forcada; «Na Vida», Guedes do Amaral; «Rei Artur», Alexandre de Córdova; «Amor...», Pereira de Azevedo; «Arquivo mensal» —;
- A. B. C.* — Director, Rocha Martins — Revista portuguesa interessantíssima, publicação semanal; ilustrações e colaboração primorosas, de flagrante actualidade —;
- O Instituto* — Revista científica e literária — Coimbra — N.º 11, vol. 68 — Index: «Os nossos pequenos», por Feliciano Soares; «O movimento tipográfico em Portugal no século XXI», por Sousa Viterbo; «Terras de Odiana», por P. M. Laranjo Coelho —;
- Agros* — Boletim da Associação dos Estudantes de Agronomia e periódico de propaganda agrícola — Setembro de 1921 — Sumário: «Subsídios para o estudo biológico da Azofogina», Cândido Duarte; «João Marques de Carvalho», M. S.; «Uma exposição», Loureiro Ferreira; «A cultura sachada do trigo» (tradução), A. B.; «Mútuas de gado bovino», Oliveira; «Técnica microscópica», Cândido Duarte —;
- A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa — Porto — N.ºs 115, 116 e 117 — Sumário: «A Crise Social — I», Leonardo Coimbra; «No Caramulo», Jaime de Magalhães Lima; «Ideologia Republicana — I — Da moral», Angelo de Moraes; «A Figura Dramática de Maria de Noronha no «Frei Luís de Sousa» de Garrett», António Arroio; «A mancha de Sol», Pina de Moraes; «José Maria Soares Lopes», Octávio; «Hora da Redenção», António de Sousa; «Nocturno», Alvaro de Moraes; «Idílio», Alfredo Bro-

chado; «Saudade», António Noriega Varela; «A' fonte que se-
cou» e «Na Penha», Hernâni Cidade; «Desalento», Luís Car-
dium; «Bibliografia» —;

Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense — N.º 141, Tómo VI — Sumário: «Antiguo Coto de la Catedral de Orense», Emilio V. Pardo; «Turonium», Marcelo Macías; «Efemerides para la Historia de la provincia y Obispado de Orense», Benito F. Alonso; «Literatura popular de Galicia», Juan A. Saco y Arce; «Noticias»; «Documentos del Archivo Catedral de Orense» (continuação), M. Castro y M. Martínez Sueiro —;

Gazeta das Aldeias — Semanário ilustrado de propaganda agrícola e vulgarização de conhecimentos úteis, fundado em 1896 — Director, Júlio Gama —;

Arquivos da História da Medicina Portuguesa — Ano XIII, n.º 1, 1922 — Sumário: «Sobre barbeiros sangradores do Hospital de Lisboa», por Costa Santos; «Manuel Constâncio — O Páreo Português» (continuação), por Augusto de Castro; «Camilo estudante», por Maximiano Lemos —;

A Arquitectura Portuguesa — Revista mensal da arte architectural antiga e moderna, colaborada por architectos — Ano XV, n.º 2, 1922, Lisboa — Sumário: «Arquitectura portuguesa moderna — Palacete do Ex.º Sr. José Francisco Canha», architecto António Rodrigues da Silva Júnior; «Secções de cantaria, marcenaria e serrallharia» —;

Boletim da Sociedade Broteriana — Vol. XXVIII, Coimbra — Sumário: «Breves considerações estatísticas acerca da flora portuguesa», Dr. Pereira Coutinho; «Flora do Concelho de Paredes de Coura — Plantas vasculares», P.º Clemente Pereira; «Musci-neas», Dr. António Machado; «Líquenes», Dr. Gonçalo Sampaio; «Herbário do Colégio de S. Fiel»; «Apontamentos de Briologia portuguesa», Dr. António Machado; «Desmidiáceas de Portugal», Dr. Gonçalo Sampaio; «Os mortos — A. Cogniaux, G. Baker, J. R. Jakson, Pier Andrea Saccardo e Oduardo Beccari», Dr. Júlio A. Henriques; «Notes sur des espèces congolaises du genre «Milletia» Wight e Arn», E. de Wildeman —;

Revista Económica — Arquivo mensal dos interesses da Indústria, Comércio e Seguros — Ano I, n.º 12 — Pôrto — Director, José Vitorino Ribeiro — Sumário: «Retrospecto do ano que findou»; «Conferência Internacional Vinícola do Pôrto — Maio de 1922», J. V. Ribeiro; «Regiões Vinícolas do Douro»; «O Governo»; «O imposto «ad valorem»»; «Finanças do fim do ano»; «O acordo comercial, provisório, entre Portugal e a Alemanha»; «Reforma do Ministério dos Negócios Estrangeiros»; «Um diploma importante»; «A cidade de Lisboa e os assassinatos políticos»; «Propaganda de Seguros — Seguro de Vida»; «Sindicância Pinto Moreira»; «Inglaterra e Irlanda»; «Notícias económicas e financeiras»; «Câmbios» —.

— *Imprensa da Manhã*, Lisboa; *Gazeta das Aldeias*, Pôrto; *Correio da Manhã*, Lisboa; *Aurora do Lima*, Viana do Castelo; *O Comércio do Pôrto Mensal*; *O Bom Pastor*, Gaia; *O Comércio*

de Guimarães; *O Cristão Baptista*, Pôrto; *Diário de Notícias*, Lisboa; *Correio de Moçambique*; *A Luz e Verdade*, Pôrto; *A Paz*, Famalicão; *Ecos de Guimarães*; *Portugal, Madeira e Açores*, Lisboa; *O Primeiro de Janeiro*, Pôrto; *O Progresso Católico*, Pôrto; *O Teosofista*, Rio de Janeiro; *Jornal de Notícias*, Pôrto; *A União*, Lisboa; *A Esfinge*, Pôrto; *O Lavrador*, Pôrto; *O Distrito de Portalegre*; *Jornal de Cantanhede*; *Jornal de Felgueiras*; *Bairrada Elegante*; *Voz de Guimarães*; *Jornal de Albergaria*; *A Verdade*, Lisboa; *Notícias de Melgaço*; *Campeão das Províncias*, Aveiro; *Correio dos Açores* (diário), Ponta Delgada; *Jornal das Taipas*; *Jornal de Abrantes*; *O de Aveiro*; *O Desforço*, Fafe; *Portugal Evangélico*, Pôrto; *O Imparcial* (diário), Angra do Heroísmo; *A Epoca* (oferta do Ex.º Sr. P.º José Maria da Silva); *Boletim Ebo-reuse*; *Didrio do Governo*.

Para os museus:

Dr. David da Silva Oliveira, 1 moeda de 100 réis, D. Maria II;
D. Maria de Moraes Martins Sarmento, um instrumento de música antigo;
João Serafim da Silva Ribeiro, 36 cédulas de Câmaras Municipais;
Alberto Meira, 6 cédulas de Câmaras Municipais e particulares;
Leon Kues, 3 notas polacas;
José de Pina, um machado de pedra;
Dr. João Ferreira da Silva Guimarães, 12 cédulas e um dente de marfim;
Domingos Marques, 1 lança de bronze e um fragmento de cerâmica;
Simão Costa Guimarães, 168 cédulas.

JOSÉ DE PINA.



Nota — Por lapso não foram inseridos na lista dos nossos estimados consócios, publicada no n.º 4 do vol. XXXI da «Revista de Guimarães», os Ex.ºs Srs.: Sócio honorário, Dr. João da Mota Prego; sócio correspondente, Dr. Alfredo Pimenta; sócio efectivo, Abílio José da Cruz. A todos pedimos desculpa da omissão.